

A MELANCOLICA ESPERANÇA DE RUBEN DARIO

Darío Gómez Sánchez (UFPE)¹

*Y el crepúsculo en su suave amatista,
diluía la lágrima de un misterioso artista.
Y ese artista era yo, misterioso y gimiente,
que mezclaba mi alma al chorro de la fuente.*
R.D.

Resumo: a melancolía é uma presença constante na vida e na obra do poeta nicaragüense Rubén Darío, - conhecido como o ‘Padre do Modernismo hispano-americano’ – e é também sua proposta ética e estética. No plano estético a melancolia aparece não tanto como uma expressão, quanto como uma criação da poesia; e no plano ético ela se apresenta como a única resposta possível para o poeta numa sociedade que o condena. A melancolia, como criação da poesia, acaba sendo o regugio do artista na modernidade.

Palavras chave: Rubén Darío, Melancolia, Modernismo hispano-americano.

Nascido em 1867, Rubén Darío foi abandonado pela mãe com seus tios avós, ficou viúvo de sua primeira esposa antes dos 26 anos, perdeu seu primeiro filho recém-nascido e foi obrigado a um segundo matrimônio com uma mulher que o chantageou inúmeras vezes – até o ponto de não lhe permitir se casar com a filha de um jardineiro espanhol, a companheira até final de seus dias. Suas múltiplas ocupações como jornalista e diplomata o levaram a uma vida errante, sem um lar fixo, e ainda que muito jovem obtivesse o reconhecimento literário, sua situação financeira foi sempre bastante incerta, o que somado a seus problemas de alcoolismo acabou gerando-lhe uma saúde precária e uma morte prematura, antes de cumprir 50 anos. Este rápido retrato nos mostra uma pessoa para quem o abandono, a solidão e a tristeza foram companheiras de vida, e tal vez por isso fosse chamado por seu discípulo Juan Ramón Jiménez (1990) de “melancólico capitão da glória”.

Mas, além de ser característica de seu temperamento, a melancolia é tema explícito e atmosfera implícita de muitos de seus poemas, aparecendo frequentemente

¹ Licenciado em Espanhol e Literatura (U. de M.) e Doutor em literatura Comparada (2006). Contato: dajego@hotmail.com

relacionada com o erotismo e o passo do tempo. Um exemplo dessa relação é sua reconhecida “Canção de outono em primavera”:

[...]
En vano busqué a la princesa
que estaba triste de esperar.
La vida es dura. Amarga y pesa.
¡Ya no hay princesas que cantar!

Mas a pesar del tiempo terco,
Mi sed de amor no tiene fin;
Con el cabello gris me acerco
A los rosales del jardín...

Juventud, divino tesoro,
¡Ya te vas para no volver!
Cuando quiero llorar no lloro...
Y a veces lloro sin querer...
(p. 143)


Este poema faz parte do livro *Cantos de vida y esperanza, Los cisnes y otros poemas*, publicado na Espanha em 1905; livro que representa a cima da poética dariana e no qual Darío abandona a plasticidade da imagem modernista e o notável galicismo para recuperar a tradição hispânica e um tom mais reflexivo, tom no qual o tema da esperança, curiosamente, faz contraponto com o tema da melancolia, que ocupa um lugar protagonista, ainda quando apareça de maneira indireta ou sugerida, incluso naqueles poemas mais exaltados, como “Marcha triunfal” o “Salutacion del optimista”.

Na obra titulada *Otros poemas* encontraremos duas composições particularmente chamativas por estar fortemente impregnadas de angustia e desengano. O poema que fecha o livro titula-se “Lo fatal”:

Dichoso el árbol, que es apenas sensitivo,
y más la piedra dura porque ésa ya no siente,
pues no hay dolor más grande que el dolor de ser vivo
ni mayor pesadumbre que la vida consciente.

Ser, y no saber nada, y ser sin rumbo cierto,
y el temor de haber sido y un futuro terror...
¡Y el espanto seguro de estar mañana muerto,
y sufrir por la vida y por la sombra y por

lo que no conocemos y apenas sospechamos,
y la carne que tienta con sus frescos racimos,
y la tumba que aguarda con sus fúnebres ramos



y no saber adónde vamos,
ni de dónde venimos!...
(p. 168)

Se expressa aqui a angustia metafísica que da origem ao “spleen”, tão caro aos poetas românticos e simbolistas. Mas tem um poema que é especialmente interessante para nós, titulado, precisamente, “Melancolia”.

Hermano, tú que tienes la luz, dime la mía.
Soy como un ciego. Voy sin rumbo y ando a tientas.
Voy bajo tempestades y tormentas
ciego de sueño y loco de armonía.

Ése es mi mal. Soñar. La poesía
es la camisa férrea de mil puntas cruentas
que llevo sobre el alma. Las espinas sangrientas
dejan caer las gotas de mi melancolía.


Y así voy, ciego y loco, por este mundo amargo;
a veces me parece que el camino es muy largo,
y a veces que es muy corto...

Y en este titubeo de aliento y agonía,
carga lleno de penas lo que apenas soporto.
¿No oyes caer las gotas de mi melancolía?
(p. 157)

Escrito como elegia à morte de um amigo pintor, o poema expressa a ideia de que os poemas são produto de uma alma cega e sonhadora que está aprisionada ou atormentada pela camisa de força da poesia, e o poeta “lento de ensueños y loco de armonía”, só consegue viver – entre o otimismo e a desesperança - produzindo essas gotas de melancolia.

A ideia é interessante porque parece ir à contramão daquela visão biografista que encontra na melancolia a origem - e quase que a condição necessária - da invenção artística – o poeta é um ser melancólico que expressa sua tristeza na poesia – para propor que ela é não só a origem ou o tema da criação, mas o resultado do fazer poético. Por outras palavras, a melancolia é uma criação da poesia.

É possível rastrear essa proposta modernista na poesia romântica europeia, e suas derivações parnasianas e simbolistas, as quais Darío conheceu perfeitamente. De fato, serão os românticos que darão à melancolia um status poético que está presente em grande parte da literatura subsequente, pelo menos até as vanguardas. Mas, neste caso o



que achamos não é só a ideia da melancolia como uma elaboração estética, mas também como uma proposta ética. A estética como origem de uma ética é uma ideia que está presente em outros poemas do autor como, por exemplo, num tono mais exaltado e otimista, em:

Ama tu ritmo y ritma tus acciones
bajo su ley, así como tus versos;
eres un universo de universos
y tu alma una fuente de canciones.

La celeste unidad que presupones
hará brotar en ti mundos diversos,
y al resonar tus números dispersos
pitagoriza en tus constelaciones.


Escucha la retórica divina
del pájaro del aire y la nocturna
irradiación geométrica adivina;

mata la indiferencia taciturna
y engarza perla y perla cristalina
en donde la verdad vuelca su urna.

Mas, no caso da estética da melancolia, se trata não só de uma atitude pessoal diante da vida, mas de uma resposta à sociedade da época, um posicionamento diante da modernidade e sua exaltação do utilitarismo.

Neste ponto é importante lembrar que Darío tinha uma visão aristocratizante da condição e da função do artista, visão segundo a qual a criação poética é um processo complexo, exigente, que se manifesta na cuidadosa elaboração formal e na complexidade cultural de seus referentes. Esta visão justificou durante muito tempo a crítica à criação dariana por seu excessivo detalhismo formal e por sua suposta evasão e falta de comprometimento com a realidade. Mas tal crítica deixava de lado a função atribuída pelo poeta à estética modernista, a qual consistia em se apresentar como a única alternativa possível para a arte de enfrentar a massificação e o utilitarismo próprios do processo de modernização nos finais do século XIX e começos do século XX.

Pelo seu marcado esteticismo e sua evidente elaboração formal, pela recorrência a construções sintáticas e expressões léxicas pouco convencionais em castelhano e pela constante referencia a espaços medievais, costumes orientais ou personagens clássicos



como ninfas e faunos, desde sua aparição a obra dariana foi acusada de refinamento excessivo, imitação a ultrança e evasão literária. Mas o fato é que, além de introduzir uma linguagem mais rica e uma dimensão imaginativa até então desconhecida na lírica hispânica, o modernismo se propõe a defesa de um ideal estético e humano mediante a crítica (velada, irônica, vaga) da insensibilidade da sociedade moderna diante da criação artística.

Nesta perspectiva, a poesia é a resposta e o refúgio dos espíritos sensíveis no insensível contexto do crescente capitalismo. Mas, como reconhece o poeta mesmo, tal poesia elaborada não tem possibilidade nesse contexto, pelo que o artista acaba relegado ao isolamento, à marginação social, à agonia e à melancolia.

Voltando aos começos literários do príncipe das letras castelhanas, encontramos a carta de Juan Valera que serviu como resenha nos jornais espanhóis quando a publicação de *Azul*, em 1888. O crítico espanhol elabora uma interessante reflexão sobre o sentido da literatura moderna, e propõe que a pesar dos notáveis avanços científicos há uma dimensão transcendente que permanece desconhecida, um abismo anteriormente ocupado pela religião ou pela metafísica e diante o qual o homem moderno opta pelo prazer frívolo e evasivo, e o artista responde com um descontento que se manifesta na fantasia e no pessimismo:

Estos dos rasgos van impresos en su librito de usted: El pesimismo, como remate de toda descripción de lo que conocemos, y la poderosa y lozana producción de seres fantásticos, evocados o sacados de las tinieblas de lo incognoscible, donde vagan las ruinas de las destrozadas creencias y supersticiones vetustas (Valera, 2003, s.p.)

Assim, na sua carta inicial, Valera reconhece em *Azul*... não só uma peça de notável elaboração formal, mas também uma intenção consciente do artista para enfrentar o vazio de sentido imposto pela modernidade.

A partir daqui poderíamos estabelecer uma relação entre a criação poética e a definição freudiana de melancólica como manifestação da ausência de um objeto não definido. A poesia moderna, e a melancolia que ela objetiva, seriam a manifestação, a consequência da perda de algo que não se sabe exatamente o que é, mas que determina a existência, neste caso, do poeta: “[...]Y en este titubeo de aliento y agonía, cargo lleno de penas lo que apenas soporto. ¿No oyes caer las gotas de mi melancolía?”

Ainda que hoje poderíamos afirmar que essa perda é a perda do mistério e da sensibilidade (pela racionalização e pelo pragmatismo excessivos) que caracterizam o final do século XIX e dão impulso à poesia da melancolia. E, nesta perspectiva, a proposta da ‘arte pela arte’ herdada dos românticos é transformada pelos modernistas em criação aristocrática que enfrenta a produção capitalista - precisamente com a melancolia.

Assim sendo, o problema ou a consequência dessa oposição não é tanto a falta de compromisso da arte com a sociedade, como supõem ainda alguns críticos marxistas do Modernismo, pois essa arte surge como oposição ou negação dessa sociedade. O problema, como reconhece o mesmo poeta, é a ausência de um contexto receptor para tal criação elaborada, pois o pragmatismo em voga não oferece espaço para a contemplação da arte verbal; motivo pelo qual o artista acaba relegado ao isolamento e à marginalização social. É nessa perspectiva que podemos identificar a melancolia acaba sendo a resposta consciente ou a única atitude possível do criador na sociedade moderna: a melancolia como estética ou objeto da criação poética e como ética ou atitude vital do poeta.

A ideia do artista excluído e isolado que responde ou se refugia na melancolia e faz dela o tema de sua criação, aparece nos primeiros contos do autor nicaraguense, publicados em *Azul*. O mais paradigmático tal vez seja “El rey burguês”:

Un día le llevaron una rara especie de hombre ante su trono, donde se hallaba rodeado de cortesanos, de retóricos y de maestros de equitación y de baile.

-¿Qué es eso? -preguntó.

-Señor, es un poeta.

El rey tenía cisnes en el estanque, canarios, gorriones, sinsontes en la pajarera: un poeta era algo nuevo y extraño.

-Dejadle aquí.

Y el poeta:

-Señor, no he comido.

Y el rey:

-Habla y comerás.

(p.18)

Na sua fala, a “rara especie de hombre” se apresenta como um ser heroico, crítico e contraditório que reclama um lugar para sua voz no universo do abastado rei, quem logo de escutá-lo com evidente desinteresse e tendo consultado com seu filósofo de cabeceira, lhe oferece trabalho manipulando uma caixa de música perto do lago de

seu palácio: “Pieza de música por pedazo de pan. Nada de jerigonzas, ni de ideales” (p.20). O bardo, condenado ao silêncio, morrerá esquecido no jardim numa noite invernal.

Outros contos do mesmo livro, como “El sátiro surdo” donde o tema é también a exclusão do artista, esta vez não da cidade de um rei burguês assessorado de um filósofo, mas da selva por um sátiro que, incapaz de ouvir a lira de Orfeo, faz caso às indicações de um burro e o expulsa de seu universo: “Orfeo salió triste de la selva del sátiro sordo y casi dispuesto a ahorcarse del primer laurel que hallase en su camino. No se ahorcó, pero se casó con Eurídice” (p. 24). Apesar das notáveis diferenças de ambientes e personagens, as coincidências entre ambos os relatos são evidentes, especialmente no que se refere ao lugar do poeta e da poesia. O canto que produz a harmonia é tão inoportuno para o sátiro surdo como o bardo que predica o ideal é para o rei burguês um estorvo. A poesia, em fim, é rejeitada nestes universos do excesso decorativo e do prazer desenfreado, nos que o sátiro/burguês é incapaz de entender a revelação que ela produz.

Também o conto ou poema em prosa titulado “La canción del oro” expressa essa rejeição do artista e sua obra na sociedade burguesa e a melancolia que dela deriva, a qual não é tanto a causa da criação, como consequência estética e, ainda mais, atitude ética do poeta.

Desde nossa proposta, os cantos de vida e esperança e os contos de Azul, assim como a obra de Darío, podem ser lidos como a manifestação da condição marginal do poeta numa sociedade que o condena, ou por outras palavras, como uma poetização da melancolia. Para Darío, a arte em geral e a poesia em particular seriam uma esperança que não alcança, uma busca condenada à insatisfação, e cujo resultado não é outro que “gotas de melancolia”.

Referências bibliográficas

DARÍO, Rubén: *Azul...El salmo de la pluma. Cantos de vida y esperanza. Otros poemas*. 20 ed. México: Porrúa. 2002

JIMÉNEZ, Juan R. *Mi Rubén Darío*. Huelva: Ed. Antonio Sánchez, 1990

VALERA, Juan: *Cartas a Rubén Darío*. Biblioteca virtual Miguel de Cervantes, 2003.